

**Retornar ao Mandamento:
Uma proposta de interpretação da “Parábola do Bom
Samaritano” (Lc 10,30-35)**

**Return to the Commandment:
A proposal for the interpretation of the “Parable of the Good
Samaritan” (Lk 10,30-35)**

Jacir Silvio Sanson Junior¹

RESUMO

Este artigo é resultado de investigação destinada a analisar comentários que focalizam a passagem bíblica conhecida como “Parábola do Bom Samaritano” (Lc 10,30-35). Observou-se que as diferentes interpretações possuem características que orientam uma leitura específica desse texto evangélico, podendo ser reunidas em dois conjuntos: a “resposta direta” e a “pergunta invertida”. Entretanto, eles não percorrem todo o escopo abarcado pela narrativa lucana, fazendo-se então necessária uma abordagem que a contemple de forma mais integral, cujos traços são aqui agrupados sob o nome de “retorno ao mandamento”. A perícopes é assim tomada em seu poder de ressignificar o enunciado de Lc 10,27 (“e a teu próximo como a ti mesmo”), constituindo-se genuíno dispositivo para se compreender o sentido do mandamento e, por conseguinte, do amor que ele agencia.

PALAVRAS-CHAVE

Parábola do Bom Samaritano; Próximo; Mandamento; Amor; Hermenêutica.

ABSTRACT

This paper is the result of an investigation aimed at analyzing comments that focus on the biblical passage known as the “Parable of the Good Samaritan” (Lk 10:30-35). We observed that the different interpretations have characteristics that guide a specific reading of this evangelical text, and can be grouped into two sets: the “direct answer” and the “inverted question”. However, we argue that the sets do not run the entire scope covered by the Lucan narrative. An approach that contemplates it more fully is needed, whose features are grouped under the name of “return to the commandment”. Proceeding in this way, the pericope is taken in its power to

¹ Mestre em Filosofia (UFES), Doutorando em Educação (PUC-Campinas).

reframe the statement of Lk 10,27 (“and your neighbour as yourself”), constituting a genuine device to understand the meaning of the biblical command and, consequently, of the love it manages.

KEYWORDS

Parable of the good Samaritan; Neighbour; Commandment; Love; Hermeneutic approach.

Introdução

Mediante a expressão “retorno ao mandamento”, desenvolvemos uma crítica a comentários que abordam a “Parábola do Bom Samaritano” (Lc 10,30-35), com o intuito de abrir o horizonte de outra possibilidade hermenêutica para esse texto exclusivamente lucano. Estruturado em duas partes, no primeiro momento deste artigo, explicitaremos as duas classes onde concebemos agrupar as interpretações vigentes acerca da parábola. Esse esforço de organização enseja a construção de um projeto que consiga superar as limitações encontradas, movimento que constitui o segundo passo desta reflexão.²

1. Duas classes de interpretação

1.1. A “*reposta direta*”

No conjunto de comentários que se reportam ao trecho de Lc 10,30-35, encontramos uma tendência a responder de forma imediata à indagação de Lc 10,29 (“E quem é meu próximo?”), o que torna frequente, no plano da *reposta direta*, uma série de indicações que se ampliam gradativamente.

Desponta-se, por primeiro, o sentido restrito de Lv 19,33-34, no qual o “meu próximo” seria o compatriota membro do povo de Deus e o migrante estrangeiro inserido na comunidade, ou para todos os efeitos, “o parente, o amigo, o colega, os que são da mesma religião, raça, partido, classe social”³. Para I. Storniolo, “por trás disso tudo, o que se tenta é estabelecer as fronteiras do amor. Quem ficar fora da fronteira não merece nosso amor”⁴. De acordo com J. Kodell, Jesus teria captado que “a pergunta do legista subentende que alguém não é o meu próximo”⁵, e por essa razão sua réplica vem esboçar uma dilatação da categoria “próximo” ao universal, pela via da dupla negação: “não há ninguém que não seja meu próximo”⁶.

Outra apresentação que converge com essa perspectiva é a de Champlin. Ao comentar que o “próximo” poderia ser uma pessoa inteiramente desconhecida, de uma raça diferente, alguém

² As citações bíblicas utilizadas neste trabalho são transcritas da *Bíblia de Jerusalém*.

³ STORNILO, Ivo. *Como Ler o Evangelho de Lucas: os pobres constroem a nova história*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1992, p. 107.

⁴ STORNILO, 1992, p. 107.

⁵ KODELL, Jerome. Lucas. In: BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. (Orgs.). *Comentário Bíblico*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1999, v. III, p. 90.

⁶ KODELL, 1999, p. 90.

desprezado, de outra religião ou mesmo herético⁷, é colocado em teste o que haveria de mais elástico e maleável nas propriedades desse conceito.

A ampliação do sentido de “próximo” em vista da universalidade, da humanidade inteira, de todos os homens ou de qualquer pessoa indistintamente é um traço comumente assimilado por dicionários de Língua portuguesa, onde se conjuga o substantivo masculino a alguma remissão ao mandamento bíblico. Em exemplos que se recolhem do *Michaelis*, do *Houaiss* e do *Aurélio*, evidencia-se que o vocábulo ganhou uma estabilidade denotativa ressonante a certo aspecto do ensinamento evangélico. Próximo é o “semelhante”.⁸

Repercute assim a substituição que o termo “próximo” (*plesíon*) imprime ao uso e significado próprio e literal de “irmão” (*adelphós*), este de cunho biológico, ligado ao parentesco de sangue ou, quando muito, ao contexto de proximidade social e/ou cultural. “Na parábola do bom samaritano (Lc 10,29-37), Jesus leva *ad absurdum* a discussão rabínica sobre quem é o próximo. Um homem que se encontra em necessidade é sempre nosso próximo”⁹, mostrando que a nossa noção de fraternidade deve ser ampliada a ponto de coincidir “com a esfera da ação salvífica de Deus, que, como uma nova criação, abarca a todos os homens e, em sua dimensão cósmica, a todas as coisas”.¹⁰

O índice da resposta direta vê-se também projetado às vítimas da produção social de injustiça, onde o “próximo é” o marginalizado e o necessitado, ou seja, o “pobre” por antonomásia:

Na parábola do samaritano, o necessitado é um judeu espoliado e ferido. Na parábola do Juízo Final [Mt 25,31-46] é o faminto, o sedento, o enfermo, o exilado, o encarcerado. De forma muito especial, o próximo é o Pobre, no qual Jesus se revela como necessitado. “Cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40);

[...] são os explorados, marginalizados e empobrecidos pela sociedade; são os discriminados pela ideologia e pelo poder. A opção pelo pobre que nos é ordenada pelo Evangelho consiste em servir a esse próximo não só como pessoa, mas também como situação social. Hoje, nosso próximo também é coletivo. O judeu ferido e empobrecido é uma situação permanente: são os operários, os camponeses, os índios, os subproletários.¹¹

Soa espontâneo recordarmos do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) desenhando, na Conferência de Puebla, as “feições concretíssimas”¹² do homem que vive neste continente, e dos ousados incrementos de Aparecida, no qual os “explorados”¹³ de outrora são

⁷ CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Candeia, 2002, v. II, p. 108-109.

⁸ Respectivamente: “cada pessoa em particular; o nosso semelhante”, “o conjunto de todos os homens” (MICHAELIS. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998, p. 1720); “qualquer ser humano, considerado como um semelhante” (HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 2323); “Pessoa, ser humano, considerado como um semelhante” (FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 1658).

⁹ GÜNTHER, W. Hermano, prójimo. In: COENEN, Lothar; BEYREUTHER, Erich; BIETENHARD, Hans (Orgs.). *Diccionario Teológico del Nuevo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 1980, v. II, p. 273.

¹⁰ GÜNTHER, 1980, p. 274.

¹¹ GALILEIA, Segundo. *Viver o Evangelho em Terra Estranha*. São Paulo: Paulinas, 1977, p. 25-26.

¹² CELAM. *Documentos do CELAM: conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 300, n. 31.

¹³ CELAM, 2004, p. 300-301, n. 32-39.

agora também percebidos como “supérfluos” e “descartáveis”¹⁴: as mulheres, os migrantes e refugiados, os mineiros e agricultores sem terra (diferentemente dos camponeses), as crianças (desta vez enquanto vítimas do aborto e da prostituição infantil fomentada pelo turismo sexual), os viciados em narcóticos, os excepcionais físicos, doentes e vítimas de violências (como o sequestro), os encarcerados, desaparecidos, analfabetos tecnológicos e moradores de rua (muito mais pobres e miseráveis e, por isso, distintos dos marginalizados das cidades), os trabalhadores informais (ainda mais vulneráveis que operários e subempregados), enfim, os jovens, os indígenas (desta vez comunidades indígenas), os afro-americanos (agora comunidades afro-americanas) e os anciãos.¹⁵

Essa enumeração só é possibilitada pelo expediente supostamente oferecido pela parábola de Lc 10, fazendo-se valer a ideia de que o “próximo” acena para uma categoria altamente – se não universalmente – inclusiva, invariavelmente desligada de qualquer lógica de exclusão. Para a Igreja Católica, em seu *Catecismo*, o texto estaria veiculando o ensinamento de “[...] receber o outro como um ‘próximo’”¹⁶, sendo este não um indivíduo imerso e indistinto na coletividade, mas fundamentalmente uma pessoa, “[...] ‘alguém’ que, por suas origens conhecidas, merece atenção e respeito individuais”.¹⁷

1.2. A “pergunta invertida”

Outra série de glosas também constitui demonstrativo para mais uma modalidade específica de interpretação dirigida a Lc 10,30-35, à qual designamos *pergunta invertida*. Bastante elucidativa a esse respeito é a percepção de que o próximo foi quem se mostrou misericordioso (Lc 10,37) e, movido de compaixão (Lc 10,33), esboçou um amor espontâneo¹⁸; aquele que “foi movido pelo amor operativo”¹⁹, “horizontalizável, objetivável e materializável”.²⁰

Comum a essas e outras citações é o fato de elas se darem conta da oscilação registrada no v. 36, supondo que “a pergunta do mestre da lei [...] foi respondida por Jesus com outra pergunta”²¹: “Qual dos três, em tua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?” (Lc 10,36). Compõem-se assim uma perspectiva que realça o deslocamento “de quem é meu próximo Lc 10,29, para quem se tornou próximo Lc 10,36”²², portanto retirando-o do polo de objeto passivo, a fim de assumir a posição de sujeito ativo do amor e da misericórdia.²³

¹⁴ CELAM. *V Conferencia General del Episcopado Latinoamericano y del Caribe: texto conclusivo*. 3. ed. Bogotá: San Pablo, Paulinas, 2008, p. 65, n. 65.

¹⁵ CELAM, 2008, p. 65, n. 65.

¹⁶ IGREJA CATÓLICA. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 647, § 2519.

¹⁷ IGREJA CATÓLICA, 2000, p. 578, § 2212.

¹⁸ STUHLMUELLER, Carroll. Evangelio según San Lucas. In: BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (Dirs.). *Comentario Bíblico “San Jeronimo”*: Nuevo Testamento I. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1972, tomo III, p. 369.

¹⁹ VEDOATO, Giovanni Marinot. *Breve Tratado de Cristologia*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 54.

²⁰ VEDOATO, 2002, p. 55.

²¹ LAZZARI JUNIOR, Julio Cesar. A Mensagem Universal e Atemporal da Parábola do Bom Samaritano. *Revista de Cultura Teológica* (São Paulo), n. 73, 2011, p. 33.

²² VEDOATO, 2002, p. 54.

²³ CALIL, Eduardo Rodrigues; CARMO, Solange Maria do. Um Samaritano Desconcertante: chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão (Lc 10,33). *Revista Pistis Praxis* (Curitiba), v. 12, n. 3, 2020, p. 878-879.

Enquanto que o escriba no v. 29 pergunta pelo objeto do amor (a quem devo eu tratar como próximo?), Jesus no v. 36 pergunta pelo sujeito do amor (quem agiu como próximo?). O escriba pensa a partir de si, quando pergunta: Onde está o limite do meu dever (v. 29)? Jesus lhe diz: Pensa a partir daquele que sofre a necessidade, coloca-te na sua situação, reflete contigo mesmo: quem espera ajuda de mim (v. 36)?²⁴

O “próximo” desliza da condição de amado para a posição de amante, gerando uma profunda perturbação que inverte de ponta-cabeça o questionamento do legista. “Para Jesus, próximo não é aquele que eu encontro simplesmente no caminho (Lc 10,27), mas aquele em cujo caminho eu me coloco a fim de concretizar o amor e a misericórdia (Lc 10,37)”²⁵, uma “opção fundamental pelo outro”²⁶, vinculada à situação dos pobres e ao valor insubstituível do “socorro concreto prestado a pessoas em necessidade”.²⁷

Uma inversão nada aleatória e muito significativa, pois ao contrário de ser colocada uma interrogação pura e simples do tipo “Qual dos três deu prova de amor?”, tudo parece ser intencionalmente conduzido com fins a se recusar uma “problemática demasiado estreita e um tanto mesquinha”²⁸, qual seja, a “problemática restrita da identificação do próximo”²⁹. Retirando o “próximo” do lado daqueles que se deve amar (próximo-objeto) e situando-o do lado dos que amam (próximo-sujeito)³⁰, Jesus inaugura um novo campo do amor ao próximo, um campo não mais definido “em função do exterior, mas em função do interior. Da identificação do objeto exterior do amor, somos enviados às disposições do sujeito”.³¹

São tais disposições que Borges de Meneses rastreia no verbo grego *splanchnízomai* (“comover-se as entranhas”). Ele afirma que “todos os atos poiéticos do Samaritano foram atos beneficentes, que definiram um ‘agir esplanchnofânico’, onde se realizou a deliberação e a ‘responsabilidade agápica’”³². Apesar de que, na parábola, o próximo seja “o destinatário de um ato de ‘convulsão [sic] das vísceras’”³³, Jesus teria elaborado esse “‘conto exemplar’ para explicar a ‘responsabilidade poiética’ do que é ‘fazer-se’ próximo”³⁴, dando início a uma “nova plesiologia”³⁵. Enchendo-se de “solicitude agápica e poiética em favor de certo homem”³⁶, o samaritano “não agiu segundo um imperativo categórico, motivado pela sua liberdade, mas pelo *imperativo poiético*, que o levou a ‘fazer’ esplanchnofanicamente”.³⁷

²⁴ JEREMIAS, Joachim. *As Parábolas de Jesus*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 203-204.

²⁵ VEDOATO, 2002, p. 55.

²⁶ VEDOATO, 2002, p. 56.

²⁷ GOURGUES, 2005, p. 30.

²⁸ GOURGUES, Michel. *As Parábolas de Lucas: do contexto às ressonâncias*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 27.

²⁹ GOURGUES, 2005, p. 27.

³⁰ BORGES DE MENESES, Ramiro Délio. O Desvalido no Caminho (Lc 10,25-37): da Audição à Recitação pela Decisão. *Theologica Xaveriana* (Bogotá), v. 58, n. 165, 2008, p. 37-38.

³¹ GOURGUES, 2005, p. 27.

³² BORGES DE MENESES, Ramiro Délio. Teologia Aplicada. O Bom Samaritano (Lc 10,25-37): pelo Caminho da Principiologia. *Revista de Cultura Teológica* (São Paulo), v. 15, n. 61, 2007, p. 14. Cf. BORGES DE MENESES, 2008, p. 34, 42-43.

³³ BORGES DE MENESES, 2008, p. 22.

³⁴ BORGES DE MENESES, 2008, p. 29.

³⁵ BORGES DE MENESES, 2008, p. 29.

³⁶ BORGES DE MENESES, 2007, p. 22.

³⁷ BORGES DE MENESES, 2007, p. 14. Confrontando o texto lucano com o dever moral kantiano, Borges de Meneses (2007) reflete que na parábola vigorou a “mundividência do coração” mais do que a “racionalidade das normas éticas” (p. 11), e que nela falou mais forte a assimetria heteronômica (p. 10) do “Desvalido” (p. 14) que um “compromisso de identidade” (p. 10) ou o senso responsável do cumprimento do dever, predominando

Sem dúvida, esses estudos desvendam uma fonte de nobres imperativos que transpõem barreiras institucionais, étnicas e ideológicas, e ressoam um apelo de humanidade a toda pessoa de boa vontade³⁸. O conceito de “bom samaritano” exhibe “uma ética de gentileza fraternal [...] que o mundo inteiro necessita desesperadamente”³⁹. A contrapergunta de Jesus estaria abolindo todas as fronteiras que limitariam a obrigação de amar sem medidas⁴⁰, seja o concidadão por dever ou, num apelo visceral, “todo aquele que precisar de sua ajuda”⁴¹, isso porque “tanto para Jesus como para o escriba interessa a mesma coisa: Não a definição, mas a extensão do conceito de ‘próximo’”.⁴²

A síntese que J. Ratzinger retoma da Cristologia patrística também pode ser alojada no escopo da pergunta invertida. Os Padres da Igreja viam no homem assaltado a figura do homem como tal, de “Adão”, da humanidade alienada, destroçada e maltratada; a estrada, da história do mundo; o sacerdote e o levita, das culturas e religiões; o samaritano, de Jesus Cristo. Estavam acompanhados de perto pela Antropologia medieval, que enxergava na parábola a imagem do duplo estado do homem: espoliado (*spoliatus*), porque “despojado do brilho da graça sobrenatural”⁴³, e ferido (*vulneratus*) em sua natureza.

O próprio Deus, que para nós é o estranho e o distante, [...] fez-se próximo em Jesus Cristo. Ele derrama azeite e vinho nas nossas feridas, onde pode ver-se uma imagem do dom santificante dos sacramentos, e Ele nos conduz à estalagem, à Igreja, onde nos manda tratar e também deixa o dinheiro para os custos do tratamento.⁴⁴

Em tese, a parábola possui o subterfúgio de nos fazer perceber “que precisamos sempre de Deus, que se fez nosso próximo, para que possamos também ser próximos”⁴⁵. Ela exprime algo que Deus está transferindo aos homens, por meio de uma comunicação processada com o exemplo de Cristo, o real Samaritano da humanidade⁴⁶. Nisso Gourgues entrevê que o samaritano da narrativa não meramente simboliza Deus, mas “ama como Deus”, ou mais precisamente, que ele “não ama Deus *no* próximo”, e sim que “ama o próximo *como* Deus”, ou seja, que “sua

o excedente que representa a misericórdia como dom para além da justiça sobre a obrigação da “moral corrente” (p. 15). Mas na realidade, esse problema não se impõe para uma questão bíblica que parece estar resolvida pela concepção do prévio amor divino, como se depreende na reflexão de Bento XVI: “Amor a Deus e amor ao próximo são inseparáveis, constituem um único mandamento. Mas ambos vivem do amor proveniente com que Deus nos amou primeiro. Deste modo, já não se trata de um ‘mandamento’ que do exterior nos impõe o impossível, mas de uma experiência do amor proporcionada do interior, um amor que, por sua natureza, deve ser ulteriormente comunicado aos outros. O amor cresce através do amor. O amor é ‘divino’, porque vem de Deus e nos une a Deus [...]” (BENTO XVI, Papa. *Carta Encíclica “Deus Caritas est”*: sobre o amor cristão. São Paulo: Loyola, 2006, p. 26, n. 18). Tal é a solução agostiniana expressa na fórmula “dai-me o que me ordenais e ordenai-me o que quiserdes [*da quod iubet et iube quod vis*]” (AGOSTINHO, Santo. *As Confissões*. 2. ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1942, p. 336, X,29).

³⁸ LAZZARI JUNIOR, 2011, p. 40-41.

³⁹ CHAMPLIN, 2002, p. 109.

⁴⁰ JEREMIAS, 1983, p. 202.

⁴¹ JEREMIAS, 1983, p. 204.

⁴² JEREMIAS, 1983, p. 204.

⁴³ RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré: do batismo no Jordão à transfiguração*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007, p. 178.

⁴⁴ RATZINGER, 2007, p. 178-179.

⁴⁵ RATZINGER, 2007, p. 179.

⁴⁶ BORGES DE MENESES, 2008, p. 22.

atitude e seu comportamento constituem uma imitação dos de Deus⁴⁷. Ou nas palavras de Couto: “o homem não é causa natural, através da qual passa o ‘amor de Deus’, mas antes o sujeito pessoal suscitado por Deus e a quem Deus ‘confia’ o seu amor”⁴⁸.

Enfim, essa perspectiva embrenha, de certo modo, a projeção *ad gentes* que Puebla solicitou às dioceses latino-americanas⁴⁹. A dimensão universal da missão está, a nosso ver, enraizada nesse “tornar-se próximo”, não obstante as dificuldades e negligências para consolidar essa primavera eclesial ao longo das últimas quatro décadas.⁵⁰

Com o *Catecismo* da Igreja Católica, podemos ratificar uma fórmula concisa para esse horizonte hermenêutico: uma das exigências do Senhor é “[...] que nos tornemos o próximo do mais afastado, que amemos como Ele as crianças e os pobres”⁵¹, um dever que “[...] se torna ainda mais urgente quando este [o outro] se acha mais carente, em qualquer setor que seja”⁵².

1.3. Balanço crítico das duas vertentes

Os comentários apresentados confirmam a hipótese de que as leituras remetidas a Lc 10,30-35 podem ser agrupadas em duas classes de interpretação, com cada uma privilegiando um aspecto em que depositam maior ênfase⁵³. Não há todavia necessidade de uma delimitação rígida

⁴⁷ GOURGUES, 2005, p. 30.

⁴⁸ COUTO, António. *Como uma Dádiva*: caminhos de Antropologia Bíblica. Lisboa: Universidade Católica, 2002, p. 58, *apud* BORGES DE MENESES, 2008, p. 28.

⁴⁹ CELAM, 2004, p. 382-383, n. 368.

⁵⁰ “Preocupadas com seus próprios problemas, elas [nossas Igrejas] não souberam avançar muito em projetos arrojados, nem junto aos povos indígenas, nem às periferias de suas grandes cidades, nem às regiões/situações necessitadas de seus próprios países/realidades, apesar dos inúmeros impulsos perpetrados por organismos, projetos e instâncias de ação e animação missionária em nível nacional e continental” (RASCHIETTI, Stefano. Puebla: 40 anos – Puebla e a missão além-fronteiras. *Revista Pistis Praxis* (Curitiba), v. 12, n. 3, 2020, p. 543).

⁵¹ IGREJA CATÓLICA, 2000, p. 491, § 1825.

⁵² IGREJA CATÓLICA, 2000, p. 511-512, § 1932.

⁵³ Ambas as classificações estão centradas no produto da interpretação, assim indicando que, tocante ao trabalho de explicação referente à passagem de Lc 10 em estudo, diferentes metodologias exegéticas chegam a resultados praticamente idênticos, mesmo em se tratando de obras que privilegiam o comentário a versículos avulsos e em detrimento, por exemplo, de definições advogadas pela crítica literária e outras vertentes que orientam critérios de delimitação para uma visão de conjunto, tais como as características redacionais, as formas ou gêneros textuais, as tradições etc. Um ponto bastante sensível se coloca quanto à alegorização da narrativa e o subsequente traslado de seu conteúdo para imagens que estariam sendo supostamente representadas pelo sentido literal, terminando por ofuscá-lo. A crítica histórica nos estudos bíblicos, à qual se atribuem avanços inestimáveis na compreensão do sentido original, foi inclusive reconhecida por J. Ratzinger como sendo de fundamento constitutivo à dimensão humana da Palavra, admitida como imprescindível, mas que não pode ser absolutizada sem incorrer no risco de rejeitar a analogia da fé e comprometer a natureza mesma da inspiração ou o caráter da revelação bíblica que tem Deus como verdadeiro autor (LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. *A Interpretação da Sagrada Escritura: eixo hermenêutico segundo J. Ratzinger – Papa Bento XVI. Atualidade Teológica* (Rio de Janeiro), v. 22, n. 58, 2018, p. 163-165). Mas essa discussão que o próprio Ratzinger exprime acerca da “utilidade” e da “justa configuração” do método histórico-crítico, no “Prefácio” ao “A Interpretação da Bíblia na Igreja” (PONTIFICIA COMISIÓN BÍBLICA. *La interpretación de la Biblia en la Iglesia*. In: GRANADOS, Carlos; NAVARRO, Luis Sánchez (Orgs.). *Enquidion* Bíblico: Documentos de la Iglesia sobre la Sagrada Escritura. Madrid, España: Biblioteca de Autores Cristianos, 2010, p. 1189), não se restringe a aspectos internos de manual, pois se situa mais amplamente numa “[...] crítica às tendências cristológicas atuais” (OLIVEIRA, Thadeu Lopes Marques de; SILVA, Luis Carlos Pereira Santos da. *O Papel da Oração de Jesus em Joseph Ratzinger/Bento XVI. Coleção* (Rio de Janeiro), v. 20, n. 39, 2021, p. 197) que, ao invés de auxiliarem o homem moderno a identificar em Jesus o filho de Deus, criam uma dicotomia de apelo racionalista entre o Jesus histórico e o Cristo da fé. Já as convicções e prerrogativas que garantem ao sentido espiritual das Escrituras ser jamais “[...] privado de relações com o sentido literal” (PONTIFICIA, 2010, p. 1285), tampouco confundido “[...] com as interpretações

entre elas. Circular entre uma e outra é, na realidade, algo frequente, como nos demonstram estas meditações do cardeal Paulo Evaristo Arns para a liturgia de 5 de outubro: “Jesus conta a parábola do samaritano, para dizer quem é o próximo. [...] Todos os homens são nosso próximo. E todos eles esperam um gesto e uma palavra de amor que vem de Deus e a Deus conduz”⁵⁴. O prelado translada de uma vertente a outra, de modo análogo ao que se sucede neste excerto:

Meu próximo é aquele que tem direito de esperar algo de mim, aquele que Deus coloca no caminho de minha história pessoal. Em algum sentido, todo homem é potencialmente próximo (ainda que viva em outro continente e eu nunca tenha encontrado); mas real e historicamente próximo é aquele que eu encontro em minha vida, pois só neste caso existe direito ao ato de amor fraterno. A fraternidade cristã é a disposição de fazer de qualquer pessoa meu irmão (meu próximo), se a ocasião se apresenta.⁵⁵

Essas palavras de S. Galilea apenas ilustram o quanto é comum o intercâmbio entre duas linhas de interpretação que, de nossa parte, tratamo-las fundamentalmente como distintas. Outros exemplos podem ser recolhidos das páginas dos comentadores já referidos, mesmo que os tenhamos anteriormente acessado a propósito de uma ou outra perspectiva⁵⁶. Tal verificação, seja como for, só reforça a necessidade de que zelemos por uma compreensão sempre mais aguçada de um texto capaz de disparar visões tão diversas.

Desdobrando então os paradigmas numa forma esquemática, o “Quadro 1” apresenta como a linha da *resposta direta* é induzida pelo enunciado do próprio mandamento que formula (A) “e a teu próximo como a ti mesmo”; em seguida, o legista pergunta (B) “E quem é meu próximo?”, que desagua na resposta (C) “meu próximo (não) é”.

Quadro 1: Esquema da “resposta direta”

ETAPAS		DESCRIÇÃO
A	O mandamento é enunciado	“e a teu próximo como a ti mesmo” (Lc 10,27)
B	O legista interpõe a indagação	“E quem é meu próximo?” (Lc 10,29)
C	Molde de resposta precipitada	“Meu próximo (não) é”

Fonte: Elaboração do autor.

Essa estrutura vislumbra, por certo, a universalização do “próximo” como todo aquele que, com base em sua dignidade de pessoa humana, é favorecido pelo amor solidário. Nesse sentido,

subjetivas ditadas pela imaginação ou a especulação intelectual” (PONTIFICIA, 2010, p. 1285), são as mesmas que tornam possível o uso legítimo do esquema tipológico pelos Padres (cf. PONTIFICIA, 2010, p. 1285-1287) e lhes confere um valor de interpretação autêntica e irredutível à praticada em ambientes rabínicos e pagãos (cf. PONTIFICIA, 2010, p. 1309), ou de acordes fundamentalistas e à margem “[...] de uma Tradição viva com um autêntico espírito cristão” (PONTIFICIA, 2010, p. 1311).

⁵⁴ ARNS, Paulo Evaristo. *Meditações para o dia-a-dia*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 107.

⁵⁵ GALILEA, 1977, p. 25.

⁵⁶ Veja-se, nos trechos a seguir, que J. Kodell também assenta um parecer atinente com a pergunta invertida, enquanto Vedoato dá ocasião para um momento de bastante fluidez entre procedimentos que coexistem: “‘Próximo’ não é questão de laços sanguíneos, nem de nacionalidade, nem de comunhão religiosa; é determinado pela atitude de um indivíduo para com os outros” (KODELL, 1999, p. 90); “Com Jesus, próximo ganha um valor mais universal, é aquele que socorre o caído à beira do caminho, que pode ser grego, judeu, samaritano, negro, índio, pobre [...] é aquele que precisa ser ajudado” (VEDOATO, 2002, p. 55).

“[...] a teologia do samaritano fez do próximo qualquer um, ainda o mais distante, mesmo aquele que o enxergaria como um amaldiçoado”.⁵⁷

Apesar de esse encaminhamento absorver certos elementos do ensino evangélico, ele se precipita em dar uma resposta que, ao menos literal ou formalmente, não é pretendida pela narrativa bíblica. O doutor da lei poderia esperar que Jesus estendesse o rol da classe de pessoas que viesse a fazer parte do amor a ser dispensado. Não é evidente, entretanto, se Jesus inclui todas as categorias ou se ele as extingue a fim de pulverizar qualquer mote identitário que estivesse habitando a questão. A primeira opção constituiria, para a linha da resposta direta, uma espécie de aposta, e a segunda, sua exaustão.

Logo não se depreende que a parábola, desobstruindo a noção de “próximo”, intente responder à pergunta do legista no índice em que tal noção é colocada. A operação talvez tenha outro propósito, e sirva de preparativo a uma finalidade de modo algum redutível ao parâmetro decidido no molde de uma resposta frontal, imediata e direta.

É possível notar que essa hermenêutica assimila aspectos valiosos do texto evangélico, mas ao fim, ela acaba se distanciando do mesmo texto. Soa como se a parábola não existisse, e seu narrador fosse abruptamente interrompido com a inserção de uma resposta que ele não se propunha a dar.

O que então é preparado com o relato da parábola? A que outro propósito ela atenderia, caso não seja o de responder ao questionamento do doutor da lei?

No rastro dessa hipótese se encontra a segunda classe que apresentamos. A *pergunta invertida* observa uma alteração que ocorre entre a pergunta do legista e a resposta de Jesus. Conforme o “Quadro 2”, se o mandamento formula (A) “*e a teu próximo como a ti mesmo*”, e o legista pergunta (B) “E quem é meu próximo?”, o caminho viabilizado por essa perspectiva hermenêutica alcança seu termo com o interpelativo (C) “Qual dos três, em tua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?”.

Quadro 2: Esquema da “pergunta invertida”

ETAPAS		DESCRIÇÃO
A	O mandamento é enunciado	“ <i>e a teu próximo como a ti mesmo</i> ” (Lc 10,27)
B	O legista interpõe a indagação	“E quem é meu próximo?” (Lc 10,29)
C	Inversão literal da pergunta	“Qual dos três [...] foi o próximo [...]?” (Lc 10,36)

Fonte: Elaboração do autor.

É claro que a torção feita à pergunta do legista reclama por uma resposta. Evidentemente, foi o samaritano quem se tornou “próximo”, malgrado a reticência do legista em ter de admitir isso explicitamente⁵⁸. Mas o ponto chave dessa hermenêutica é ter presente que a indagação promove uma extraordinária mudança de paradigma.

Poderíamos aquilatar que a inversão da pergunta acaba inutilizando todo o esforço da resposta direta em ampliar uma lista que, ao fim das contas, passa a não fazer mais sentido. A manutenção de tais listas só teria um efeito de explicitação didático-programática, pois basta

⁵⁷ LAZZARI JUNIOR, 2011, p. 39.

⁵⁸ GOURGUES, 2005, p. 24.

o samaritano tornar-se autenticamente “próximo” para que todos em seu caminho também se tornem “próximos” e, como tais, suscetíveis de sua generosidade sempre disponível. Toda a lógica exclusivista é desbancada, em um único golpe, por uma radical mudança de foco, a passagem para uma perspectiva inclusiva: “Se o próximo se identifica [...] com qualquer um que precisa de mim, torna-se ocioso que eu busque identificá-lo”.⁵⁹

Pareceria que, ao fim e ao cabo, a cena estivesse assim definida: Jesus conta a parábola, o doutor da lei mostra que a entendeu, e Jesus encerra dizendo “Vai, e também tu, faz o mesmo” (Lc 10,37). O termo da pergunta invertida coincide, nesse ponto, com o encerramento literal da perícopos num ordenamento ao agir ético. No entanto, como Oliveira e Rocha admitem a propósito de uma visão não só corretiva como mais integral do trecho, alguns estudos sinalizam que a parábola (apesar de ser bem mais longa) forma com o diálogo uma unidade básica e autêntica, e que seu objetivo original ficaria ofuscado se não for apreciada como parte constitutiva do diálogo que a precede⁶⁰. Por isso é preciso ir adiante, acompanhando não exatamente o texto que se finaliza na proposição ativa do v. 37, e sim a peça contextual que engatilha a parábola com vistas a explicitar o enunciado do mandamento, no v. 27, donde nomearmos essa estratégia hermenêutica de *retorno*.

O que então a parábola nos elucida acerca do mandamento do amor? O que ela opera a pretexto de explicitar aquilo que o mandamento já contém? O que se desembrulha no mandamento, ao efeito dessa narrativa? Para respondermos essas questões, é necessário admitir que o conjunto de Lc 10,25-37 constitui uma unidade⁶¹ – não obstante o deslocamento que Lucas provoca a fim de costurar essa cena em um enquadramento próprio e alternativo ao dos demais sinóticos⁶² –, e que a parábola do bom samaritano (v. 30-35) possui nesse conjunto uma função peculiar em relação ao enunciado do mandamento do amor (v. 27), uma função que caracterizaremos de *hermenêutica*.

2. A proposta hermenêutica do “retorno ao mandamento”

Para garantirmos que Lc 10,30-35 não seja minimizado a um papel meramente tautológico, é preciso considerar que a narrativa não é um texto ético sobre o amor, apesar de ser concluído com uma exortação dessa índole. É o imperativo “*Amarás*”, de Lc 10,27, que determina a prática do amor, não a história contada sobre o gesto de amor do samaritano. E para sermos rigorosos, temos de admitir que a parábola não é sobre o “amor”, mas sobre o “próximo”⁶³, como expresso em seu desfecho⁶⁴. O doutor “conhece o Deus a quem precisa amar, porém, quem é

⁵⁹ GOURGUES, 2005, p. 28.

⁶⁰ OLIVEIRA, David Mesquiati de; ROCHA, Abdruschin Schaeffer. A Parábola de Lucas 10: 25-37: entre o descuido e o cuidado. *Reflexus* (Vitória), v. 14, n. 2, 2020, p. 683.

⁶¹ Pois é somente em Lucas onde a discussão sobre o mandamento melindra de uma introdução (Lc 10,25-28) para o desenvolvimento temático de uma narrativa (Lc 10,29-37) organicamente conexas (cf. OLIVEIRA; ROCHA, 2020, p. 683-686).

⁶² GOURGUES, 2005, p. 16-17.

⁶³ CALIL; CARMO, 2020, p. 867-868.

⁶⁴ “Qual dos três, em tua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?” Ele respondeu: ‘Aquele que usou de misericórdia para com ele’” (Lc 10,36-37a). De fato, o que dispara a narrativa é uma pergunta – “E quem é meu próximo?” (Lc 10,29) – originada do mesmo doutor da lei quem sumarizou o mandamento – “e a teu próximo como a ti mesmo” (Lc 10,27).

esse próximo a quem deve amar como a si mesmo? É esse incômodo com o outro que suscita o segundo tempo do diálogo”.⁶⁵

Essas breves notas ajudam a conceber que a narrativa de Lc 10,30-35 não foi contada para responder à questão do legista, mas lhe fornece o “código” pelo qual se acessa a “resposta”. Jesus confia ao doutor da lei (bem como aos ouvintes e, como nós, leitores da passagem) que elabore, por sua própria conta, o complemento necessário que relaciona o gesto (exemplificado) do samaritano ao mandamento do amor ao próximo.

Esse arremate não é textualmente explícito, pois só pode ser equacionado por via hermenêutica, conforme o que Jesus solicita tanto no v. 26b como no v. 36: “Uma pergunta assim ultrapassa definitivamente o campo da letra e, atravessando-o, questiona a interpretação do doutor da Lei”⁶⁶. Só é possível cumprir o mandamento do amor ao próximo depois de se aplicar ao enunciado da lei o significado de “próximo” desenhado pela parábola. Só é possível afirmar que o samaritano amou (“usou de misericórdia”) decifrando o sentido que a parábola confere ao “próximo” do mandamento.

Esse “retorno” também se verifica com a conclusão “faze o mesmo” (Lc 10,37) da parábola, que é substancialmente idêntica ao “faze isso e viverás” (Lc 10,28) do diálogo. Isso enfatiza o quanto ela está ordenada ao mandamento, ao mesmo tempo em que garante à narrativa a função específica de interpretá-lo. Logo a “estrutura quiástica”⁶⁷ do texto não significa a conclusão de sua mensagem, e sim a finalização do preparativo necessário à releitura fundamental do mandamento.

De certo é compartilhada por vários autores a percepção do apelo à prática, com o qual se encerra a perícopé. Como declara Storniolo, “amor é prática e não teoria”⁶⁸. E Vedoato: “Para a parábola do bom samaritano, o importante não é querer saber (conhecimentos das leis), mas saber fazer (prática do amor)”⁶⁹. Ratzinger também observa que do problema mais genérico e exegético sobre a vida eterna (Lc 10,25), o assunto cai na aplicação concreta e corrente do mandamento de Dt 6,5 e Lv 19,18, quando se é então formulada a pergunta sobre o próximo⁷⁰, notadamente, em resposta à questão inicial sobre como ganhar a vida eterna.⁷¹

Tomando esse mesmo direcionamento, Champlin explica que, dos três modos de se entender o substantivo hebraico *mashal* (assemelhar-se) – símile, narrativa e história exemplificadora –, exclusivos em Lucas são os casos de “exemplo direto, que deve ser imitado ou evitado”⁷². O relato sobre o bom samaritano, ao lado de outros, seria melhor enquadrado nas “narrativas de exemplos”⁷³, ou seja, não como uma parábola propriamente dita, pois sua característica não é propor uma comparação entre duas realidades e sim apresentar personagens-modelo como “[...]”

⁶⁵ OLIVEIRA; ROCHA, 2020, p. 684.

⁶⁶ CALIL; CARMO, 2020, p. 873.

⁶⁷ ALCÂNTARA, Marcos; PEREIRA, Anderson Costa. “Viu-o e moveu-se de compaixão”: Estudo Hermenêutico-teológico da Parábola do Bom Samaritano. *Revista Teopraxis* (Passo Fundo), v. 38, n. 130, 2021, p. 59.

⁶⁸ STORNILO, 1992, p. 107.

⁶⁹ VEDOATO, 2002, p. 55.

⁷⁰ RATZINGER, 2007, p. 174.

⁷¹ CARNEIRO, Marcelo da Silva; GOMES, Silvio Cezar José Pereira. A Vida Eterna é para aquele que não a procura: a Parábola do Bom Samaritano. *Caminhos* (Goiânia), v. 17, n. 3, 2019, p. 129.

⁷² CHAMPLIN, 2002, p. 109.

⁷³ WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2001, p. 208.

exemplos daquilo que o ouvinte ou leitor deve ou não deve fazer”⁷⁴, “visando ilustrar valores, atitudes ou comportamentos a imitar ou então a evitar”⁷⁵.

Essa seria mesmo a tônica da suposta “parábola”, de acordo com Borges de Meneses, para quem o termo “fazer”, empregado quatro vezes⁷⁶ – inclusive marcado no imperativo presente em versões siríacas e árabes⁷⁷ – parece ocupar uma posição central; “põe-se à prova a ‘ortopoiética’ de Jesus, mais do que a Sua ‘ortodoxia’ ou a Sua ‘ortopraxia’”⁷⁸.

Todos esses interpelantes, a nosso ver, se não devem em hipótese alguma ser dispensados, precisam ser reposicionados, não para esvaziar a parábola de seu conteúdo ético⁷⁹, e sim aloca-lo mais adequadamente para um espaço hermenêutico. É necessário distinguir que não é a parábola que emite a parênese em vista de uma ação, mas o próprio mandamento do amor, na condição de ressignificado pelo paradigma apresentado pela parábola. Assim entendemos que o v. 37 não apenas conclui a narrativa exemplar; mais do que isso, ele restitui o contributo dela à conclusão do diálogo, no v. 28. Portanto não é precisamente a atitude do samaritano (contada de forma exemplar pela narrativa) que vai desembocar numa ação, e sim o próprio mandamento, mas de acordo com o que a narrativa interpreta ao inferir nele uma espécie de enunciado novo.

Que a “parábola” tenha frustrado o interesse meramente teórico-abstrato do mestre da lei⁸⁰, mais importante é que ela se configura como uma chave de interpretação lançada ao mandamento “*Amarás [...] a teu próximo como a ti mesmo*” (Lc 10,27). Se essa trajetória retrocessiva não é feita adequadamente, corre-se o risco de desvirtuar a narrativa de seu propósito maior, que é ser um dispositivo para efetivamente reformular o mandamento.

A parábola do bom samaritano atua, portanto em sentido *intervencionista*, interceptando a formulação do mandamento a fim de explicitar o que nele se refere ao próximo e, por conseguinte, ao amor do próximo. Ela se mostra extremamente atenta a seu propósito: inicia-se com a pergunta “quem é meu próximo?”, e termina com a reflexão “quem foi o próximo?”. A compreensão do amor enunciado pelo mandamento só pode se dar indiretamente, como resultado da intervenção direta da narrativa exemplar no significado de “próximo”, para o que ela – aliás – foi projetada a executar⁸¹. Não há como amar, no sentido do mandamento, sem antes estimar pelo próximo, no sentido que a narrativa lhe confere.

2.1. Amar “à maneira do próximo”: a modalidade do amor

Ainda carecemos de uma exposição sobre as ressonâncias da parábola do bom samaritano na fórmula pela qual se enuncia o amor. Como entender o mandamento, levando efetivamente a parábola em consideração? Se, de acordo com o exemplo, o samaritano fez-se “próximo”, como isso impacta no mandamento de amar o “próximo” (como a ti mesmo)? É preciso rastrear como se deu essa articulação nominal, que não é inócua, a fim de verificar suas potencialidades.

⁷⁴ WEGNER, 2001, p. 208.

⁷⁵ GOURGUES, 2005, p. 18.

⁷⁶ BORGES DE MENESES, 2008, p. 36.

⁷⁷ OLIVEIRA; ROCHA, 2020, p. 684.

⁷⁸ BORGES DE MENESES, 2008, p. 24.

⁷⁹ KUNZ, Claiton André. Reflexões sobre a Parábola do Bom Samaritano. *Teológica* (São Paulo), v. 9, n. 10, 2013, p. 63. Cf. OLIVEIRA; ROCHA, 2020, p. 683; CALIL; CARMO, 2020, p. 874; BORGES DE MENESES, 2008, p. 28.

⁸⁰ JEREMIAS, 1983, p. 204; GOURGUES, 2005, p. 28; BORGES DE MENESES, 2008, p. 39.

⁸¹ BORGES DE MENESES, 2008, p. 29.

Evidentemente, faz-se necessário retornar ao enunciado do mandamento, para que seja assim compreendido sob a prerrogativa de que a parábola tenha sido dita, como nos atesta a página lucana⁸². Que inferir sobre o mandamento depois de a parábola ter transmutado, como visto a propósito da pergunta invertida, o sentido de “próximo”? No “Quadro 3”, detalhamos o seguinte processo:

Quadro 3: Percurso do “retorno ao mandamento”

ETAPAS		DESCRIÇÃO
A	O mandamento é enunciado	“ <i>e a teu próximo como a ti mesmo</i> ” (Lc 10,27)
B	O legista interpõe a indagação	“E quem é meu próximo?” (Lc 10,29)
C	Inversão da pergunta	“Qual dos três [...] foi o próximo [...]?” (Lc 10,36)
D	Reformulação retrocessiva	“ <i>e a teu próximo como [próximo]</i> ” (Lc 10,27)

Fonte: Elaboração do autor.

Chamamos a atenção para o fato de a “parábola” imprimir uma alteração na fórmula do mandamento. Onde se enunciava “Amarás [...] a teu próximo como a ti mesmo”, deve-se agora ler “Amarás [...] a teu próximo como próximo”. Essa modificação consiste na substituição de “ti mesmo” (*seautón*) por “próximo” (*plesion*), resultado da operação consolidada com a interrogação presente em Lc 10,36.

Para que o mandamento seja retroalimentado pelo conteúdo exposto pela narrativa, conteúdo este que se traduz objetivamente do v. 36, é inevitável proceder com a substituição terminológica do “ti mesmo” pelo “próximo”, uma vez que é a mesma parábola quem aduz a nos tornarmos “próximo”. A parábola faz com que a significação “próximo” incida precisamente no ponto do mandamento onde o candidato a se tornar “próximo” (o sacerdote, o levita, o samaritano, o legista etc.) se reconhece naquilo que se exprime por “ti mesmo”.

Tornando-se “próximo”, só é possível que o samaritano ame o “próximo” como um “próximo”, já não mais como “a si mesmo”. A narrativa permite desferir uma nova leitura compreensiva do mandamento, legitimando que a única condição para cumprir a determinação de “amar ao próximo” é sendo “próximo”.

A atitude do samaritano não apenas desloca a noção de próximo de um lugar para outro, tal como é assimilado pela hermenêutica da pergunta invertida, que na palavra “próximo” entende não mais o outro “amado”, e sim o agente “amante”. O gesto do samaritano viabiliza sua duplicação, criando para o amor um circuito renovado de “próximo a próximo”.

Em sua mensagem axial, a parábola do bom samaritano estabelece para o amor uma espécie de *zona proximal*, isto é, a possibilidade de que o amor se dê na estimativa da categoria duplicada de “próximo”. Significa dizer que o amor custodiado pelo mandamento é, necessariamente, um amor perspectivado, do início ao fim, por uma significação específica que se anuncia com o termo “próximo”. Trata-se assim de um amor cujo circuito é regido pela categoria “próximo”, devendo o mandamento ser reescrito, por força da incisão parabólica, como “amar o próximo como próximo”, ou seja, *amar à maneira do “próximo”*.

⁸² KUNZ, 2013, p. 60.

Só é possível perceber isso empreendendo um caminho de regresso ao mandamento, depois que a parábola termina de polir uma nova significação de “próximo”. Eis que a via hermenêutica do retorno ao mandamento não se restringe a aplicar em seu enunciado a substituição nominal de “ti mesmo” por “próximo”, mas visa desvendar uma *modalidade de amor* que vem à superfície do mandamento sob o influxo da ação hermenêutica de uma narrativa exemplar.

Logo é plausível afirmar que a parábola do bom samaritano se presta a inteligir, junto ao teor do mandamento, acerca de um *modus operandi* do amor que se manifesta pelo gesto do samaritano. “Vai, e também tu, faze o mesmo” (Lc 10,37b) não é o imperativo de uma atitude a se imitar, mas a consolidação de uma modalidade própria do amor ao qual devemos nos associar. Quais as características que definiriam o amor segundo esse parâmetro formal específico?

2.2. Do “amor ao próximo” ao “próximo do amor”: uma narrativa do *Amor Viator*

Para respondermos a questão acima, devemos atentar que, num contexto histórico-social mais imediato, a parábola chocava pelo fato de contrastar a atitude (anti)ética de dois clérigos, um sacerdote e um levita, encarregados do legítimo culto a Deus, com a de um samaritano, tido pelos judeus como idólatra, meio pagão, um gentílico que, em termos religiosos, se passaria como adúltero e possesso (cf. Jo 4,18-21; 8,48; 2Rs 17,24-41; Os 2,7-19).⁸³

É esse homem que, por sua solicitude e generosidade, traz perplexidade à narrativa⁸⁴, pois ele também, em certa medida, é um homem caído às margens, só que em relação à prerrogativa de ortodoxia que Jerusalém arrogava ostentar (cf. Dt 11,29; 12,5-14; Sl 122; Os 10,8; Jr 19,56). Vale enfatizar que a parábola é contextualizada na periferia de Jerusalém, ou mais, em seus limites, quando “um homem [que] descia de Jerusalém a Jericó [...] caiu no meio de assaltantes” (Lc 10,30).⁸⁵

Assim como o samaritano não era reconhecido como “próximo” por parte dos judeus, tampouco o homem caído o foi, pelo sacerdote e pelo levita. Por outro lado, a narrativa nos reporta uma cena em que tanto o homem ferido como o samaritano são expostos um ao outro na qualidade de “próximos”. É tão somente nessa condição que o amor se manifesta em meio à contingência que fez com que a vida dos dois se cruzassem num *hic et nunc*, a caminho de Jericó, nas margens de Jerusalém.

Portanto o samaritano não põe em prática um amor qualquer, mas se deixa conduzir por um tipo de amor cuja modalidade é tutelada pela categoria “próximo”. A parábola, nesse sentido – e se nos permitirmos um singelo trocadilho – tem por mérito nos deslocar da exigência simples e imediata do “amor ao próximo” para o trabalho precedente e crucial de discernir acerca do *próximo do amor*. O questionamento de Jesus – “Qual dos três, em tua opinião, foi o próximo [...]?” (Lc 10,36) – impõe a todo aquele que pretenda “amar o próximo” como a si mesmo o encargo de tornar-se “próximo”. Depois de interpelado por Jesus, o candidato a “amar o próximo”

⁸³ LAZZARI JUNIOR, 2011, p. 31-32; CALIL; CARMO, 2020, p. 871; ALCÂNTARA; PEREIRA, 2021, p. 58; GOURGUES, 2005, p. 23-24.

⁸⁴ CALIL; CARMO, 2020, p. 878; GOURGUES, 2005, p. 23-24.

⁸⁵ Em face do plano redacional de Lucas (KUNZ, 2013, p. 59-60), Jesus está posicionado em local análogo ao do samaritano. Após sua missão na Galileia (Lc 3,1 – 9,50), Jesus inicia a subida em direção a Jerusalém (Lc 9,51 – 19,28), realizando uma atividade itinerante pautada na mensagem de compaixão e misericórdia (CALIL; CARMO, 2020, p. 865; ALCÂNTARA; PEREIRA, 2021, p. 52, 54-56).

deve tornar-se o “próximo do amor”. Com essa expressão, queremos ensinar que a narrativa do bom samaritano:

- a) antepõe à prática do amor um discernimento impostergável acerca do “próximo”, a fim de que este seja verdadeiramente um “próximo do amor”, ou seja, um “próximo” que garanta e promova o amor;
- b) ocasiona ao ato de amar o colapso da autorreferencialidade, pois todo agente do amor terá de perfilar-se como “próximo” e, para tal, supervisionar-se acerca de suas genuínas aptidões para sê-lo.

É mesmo instigante avaliar que do ponto de vista da pergunta feita pelo legista, o samaritano jamais figuraria como alguém que devesse ser amado por um judeu; e nem mesmo socorrido excepcionalmente, como se prevê na hipótese extrema que a parábola põe em teste. Se já teriam sido devastadoras as consequências em simplesmente cogitar que um samaritano, representante máximo dos excluídos, pudesse gozar de alguma assistência ocasional numa situação de emergência humanitária, a narrativa vislumbra, segundo M. Gourgues, algo bem mais alvissareiro, ao produzir uma “reviravolta de perspectivas [que] vai fazer dele o modelo do amor ao próximo”.⁸⁶

O samaritano, justamente o que era excluído do amor ao próximo, revela-se uma testemunha privilegiada desse amor, enquanto o sacerdote e o levita, colocados no começo da lista como destinatários incontestes do amor ao próximo, mostram-se absolutamente incapazes de amar.⁸⁷

Além de inverter os papéis de quem deveria amar e ser amado, a parábola incita uma “reversão de perspectivas”⁸⁸, pois alguém que jamais estaria qualificado como destinatário do mandamento é quem irrompe na função inteiramente recriada do “próximo”. Como “amar o próximo”, no horizonte da observância judaica, não incluía e jamais poderia incluir o samaritano, a grave restrição que se coloca à abrangência do mandamento torna-se a alavanca que a narrativa utiliza para reconstruir a categoria “próximo” em coordenadas inéditas.

Explicamos: uma vez que o judeu não admitia que um samaritano fosse seu “semelhante”, isso tornava completamente inviável atender ao mandamento de amar “como a si mesmo”. A autorreferencialidade que então condicionava o mandamento do “amor ao próximo” constituía um obstáculo intransponível para que o samaritano emergisse em sua *ipseidade* (*ipse* = o próprio).

A parábola então não apenas reformula a significação do “próximo”. Para que a narrativa pudesse reconstruir um “próximo” com base num samaritano anônimo, ela teve de se servir da ausência absoluta desse samaritano como destinatário do amor. Não é somente a inversão que garante a nova significação do “próximo”, mas sua articulação com o lugar vazio deixado pelo mesmo samaritano, quando o judeu lhe interdita a dignidade de “próximo-objeto” do amor.

Em certo aspecto, podemos conceber que o “próximo” é a perpetuação exponencial de uma ausência. Seu significado não pode ser reescrito *a priori*, mas mediante um discernimento que

⁸⁶ GOURGUES, 2005, p. 24.

⁸⁷ GOURGUES, 2005, p. 26.

⁸⁸ GOURGUES, 2005, p. 26.

caotiza a ordem imperativa da lei do amor. O *trabalho de discernir* precipita uma indeterminação no seio do mandamento (ou da assimilação que os judeus dele faziam).

Noutro aspecto, o “próximo” configura fundamentalmente a condição de uma abertura necessária à erupção de amor que procura vias por onde passar. Se, de acordo com o mandamento, “próximo” é o termo que certifica o amor a ser praticado, já de acordo com a parábola, é tão somente o meio que garante ao amor sua travessia e livre circulação.

Podemos corroborar esse entendimento ao constatar que J. Konings, em vez de traduzir o imperativo presente *poreuou* (do verbo “ir”, *poreuomai*) por “Vai”⁸⁹, ele o versa por “Caminha” (Lc 10,37)⁹⁰, o que não só se justifica em termos gramaticais⁹¹, pois no conjunto cênico isso faz ressaltar o diferencial subversivo do samaritano, o único da parábola que não reproduz – e chega a contrastar – o padrão de omissão dos personagens que lhe antecedem⁹². Essa escolha também atina para uma característica literária da obra de Lucas, que emprega dezenas de vezes o termo “caminho” para qualificar a vida do discípulo e da comunidade cristã.⁹³

Toda a parábola se dá em trânsito, ou seja, num caminhar, e é nessa dinâmica que se compreende a noção de “próximo”, este para o qual o amor se manifesta à maneira de um *acontecimento*. Não é o termo final do amor, mas somente aquilo que viabiliza a sua passagem. Mais correto em achar que o samaritano amou, seria dizer que a parábola mostra que entre o samaritano e o moribundo anônimos *houve amor*, um grande e solene episódio de amor, e que verdadeiramente o amor passou por ali.

Para aproveitarmos a expressão *Homo Viator* – com a qual Borges de Meneses nomeia o trecho de Lc 10,25-37⁹⁴ –, mas deslocando seu acento, *Amor Viator* parece-nos uma designação bastante apropriada à cena em que o samaritano se aproxima (Lc 10,34). É necessário o “próximo” para que esse amor viandante não se estagne à beira do caminho. O “próximo” é sempre o próximo do amor que vai e caminha, desse amor que pede passagem. Assim a plesiologia engendrada pela passagem arquiteta as condições de possibilidade para que o amor, ordenado pelo mandamento, aconteça.

Considerações finais

A hipótese do retorno ao mandamento consiste em relançar à sentença de Lc 10,27 o produto da discussão de Lc 10,36, que em torno à passagem conhecida como “Parábola do Bom Samaritano” indaga acerca de quem foi o próximo do homem caído nas mãos dos assaltantes. Estima-se que a narrativa seja sobretudo um instrumento de interpretação do mandamento, um

⁸⁹ RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. *Chave Linguística do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 128.

⁹⁰ KONINGS, Johan. *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 155.

⁹¹ EDICIONES SÍGUEME. *Vocabulario Griego del Nuevo Testamento*. 2. ed. Salamanca: Sígueme, 2001, p. 150.

⁹² OLIVEIRA; ROCHA, 2020, p. 686; GOURGUES, 2005, p. 25-26.

⁹³ ALCÂNTARA; PEREIRA, 2021, p. 54.

⁹⁴ BORGES DE MENESES, 2008, p. 46. Borges de Meneses (2008) sugere que na conduta de aproximar-se (v. 33) para cuidar do Desvalido frágil e vulnerável (p. 41), é o Samaritano quem realmente exprime um “movimento de comoção das vísceras” (p. 34), inaugurando o registro de uma solidariedade, um amor, uma misericórdia, um compromisso radicado nas exigências oriundas de uma relação intersubjetivamente assimétrica e socialmente desigual (p. 43-44).

mandamento que não demandaria a leitura de Jesus se não lhe fosse remetida a pergunta sobre o próximo, pelo advogado judeu, em Lc 10,29.

O intento de retornar ao mandamento expõe a existência, junto ao teor e aos limites, de outras hermenêuticas que também se propõem a comentar o mesmo trecho. Conjecturamos uma gradação pela qual tais abordagens, conferindo – cada qual ao seu modo – um plano de contribuição ao estudo da perícopes, fornecem os elementos necessários para articular a construção de uma síntese maior, indeclinável à soma de suas partes.

De acordo com a resposta direta, o samaritano viu ao necessitado como um próximo. Mas o samaritano fez-se próximo do necessitado, conforme a elucidação prestada pela via da pergunta invertida. Ambos os conjuntos manifestam mais ou menos parcialmente a significação do “próximo”, o que de certo modo conclama a percepção explorada pelo retorno ao mandamento, ao tratar como a parábola impacta em seu enunciado.

As vertentes recompõem assim as coordenadas necessárias para se conceber uma modalidade de amor na qual está sintonizado o gesto do samaritano, ou que garante a tal gesto a qualificação necessária para o amor acontecer.

Seria contraproducente haurir diretamente da narrativa exemplar uma mensagem ética sobre a prática do amor, sem antes averiguar o que a perícopes causa ao mandamento onde se é enunciado o próximo. O samaritano portanto não apenas “amou”, mas amou conforme o mandamento do amor, ou seja, conforme o mandamento que preconiza uma modalidade *sui generis* de amar o próximo.

Referências

- AGOSTINHO, Santo. *As Confissões*. 2. ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1942.
- ALCÂNTARA, Marcos; PEREIRA, Anderson Costa. “Viu-o e moveu-se de compaixão”: Estudo Hermenêutico-teológico da Parábola do Bom Samaritano. *Revista Teopraxis* (Passo Fundo), v. 38, n. 130, p. 51-61, 2021. Disponível em <https://doi.org/10.52451/teopraxis.v38i130.49>. Acesso em 25/05/2023.
- ARNS, Paulo Evaristo. *Meditações para o dia-a-dia*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- BENTO XVI, Papa. *Carta Encíclica Deus Caritas est*: sobre o amor cristão. São Paulo: Loyola, 2006. (Documentos do Magistério).
- BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. GORGULHO, Gilberto da Silva; STORNILO, Ivo; ANDERSON, Ana Flora (Coords.). Ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2006.
- BORGES DE MENESES, Ramiro Délio. Teologia Aplicada. O Bom Samaritano (Lc 10,25-37): pelo Caminho da Principiologia. *Revista de Cultura Teológica* (São Paulo), v. 15, n. 61, p. 9-31, 2007. Disponível em <https://doi.org/10.19176/rct.v0i61.15634>. Acesso em 25/05/2023.
- _____. O Desvalido no Caminho (Lc 10,25-37): da Audição à Recitação pela Decisão. *Theologica Xaveriana* (Bogotá), v. 58, n. 165, p. 19-49, 2008. Disponível em <http://www.scielo.org.co/pdf/thxa/v58n165/v58n165a02.pdf>. Acesso em 25/05/2023.
- CALIL, Eduardo Rodrigues; CARMO, Solange Maria do. Um Samaritano Desconcertante: chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão (Lc 10,33). *Revista Pistis Praxis* (Curitiba), v. 12, n. 3, p. 862-884, 2020. Disponível em <https://doi.org/10.7213/2175-1838.12.003.AO06>. Acesso em 25/05/2023.

- CARNEIRO, Marcelo da Silva; GOMES, Silvio Cezar José Pereira. A Vida Eterna é para aquele que não a procura: a Parábola do Bom Samaritano. *Caminhos* (Goiânia), v. 17, n. 3, p. 125-141, 2019. Disponível em <https://doi.org/10.18224/cam.v17i3.7456>. Acesso em 25/05/2023.
- CELAM. *Documentos do CELAM: conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 225-584. (Documentos da Igreja, 8).
- _____. *V Conferencia General del Episcopado Latinoamericano y del Caribe: texto conclusivo*. 3. ed. Bogotá: San Pablo, Paulinas, 2008.
- CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Candeia, 2002, v. II.
- COUTO, António. *Como uma Dádiva: caminhos de Antropologia Bíblica*. Lisboa: Universidade Católica, 2002.
- EDICIONES SÍGUEME. *Vocabulario Griego del Nuevo Testamento*. 2. ed. Salamanca: Sígueme, 2001. (Biblioteca de Estudios Biblicos Minor, 5).
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GALILEA, Segundo. *Viver o Evangelho em Terra Estranha*. São Paulo: Paulinas, 1977.
- GOURGUES, Michel. *As Parábolas de Lucas: do contexto às ressonâncias*. São Paulo: Loyola, 2005. (Bíblica Loyola, 47).
- GÜNTHER, W. Hermano, prójimo. In: COENEN, Lothar; BEYREUTHER, Erich; BIETENHARD, Hans (Orgs.). *Diccionario Teologico del Nuevo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 1980, v. II, p. 271-274. (Biblioteca de Estudios Biblicos, 27).
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- IGREJA CATÓLICA. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2000.
- JEREMIAS, Joachim. *As Parábolas de Jesus*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 1983.
- KODELL, Jerome. Lucas. In: BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. (Orgs.). *Comentário Bíblico*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1999, v. III, p. 73-108.
- KONINGS, Johan. *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da "Fonte Q"*. São Paulo: Loyola, 2005. (Bíblica Loyola, 45).
- KUNZ, Claiton André. Reflexões sobre a Parábola do Bom Samaritano. *Teológica* (São Paulo), v. 9, n. 10, p. 59-73, 2013. Disponível em <http://ead.teologica.net/revista/index.php/teologicaonline/article/view/6>. Acesso em 25/05/2023.
- LAZZARI JUNIOR, Julio Cezar. A Mensagem Universal e Atemporal da Parábola do Bom Samaritano. *Revista de Cultura Teológica* (São Paulo), n. 73, p. 29-41, 2011. Disponível em <https://doi.org/10.19176/rct.v0i73.15352>. Acesso em 25/05/2023.
- LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. A Interpretação da Sagrada Escritura: eixo hermenêutico segundo J. Ratzinger – Papa Bento XVI. *Atualidade Teológica* (Rio de Janeiro), v. 22, n. 58, p. 159-186, 2018. Disponível em <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.32781>. Acesso em 03/06/2024.
- MICHAELIS. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.
- OLIVEIRA, David Mesquiati de; ROCHA, Abdruschin Schaeffer. A Parábola de Lucas 10: 25-37: entre o descuido e o cuidado. *Reflexus* (Vitória), v. 14, n. 2, p. 679-695, 2020. Disponível em <https://doi.org/10.20890/reflexus.v14i2.2399>. Acesso em 25/05/2023.

- OLIVEIRA, Thadeu Lopes Marques de; SILVA, Luis Carlos Pereira Santos da. O Papel da Oração de Jesus em Joseph Ratzinger/Bento XVI. *Coletânea* (Rio de Janeiro), v. 20, n. 39, p. 179-200, 2021. Disponível em <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v20i39-2021-9>. Acesso em 03/06/2024.
- PONTIFICIA COMISIÓN BÍBLICA. La interpretación de la Biblia en la Iglesia. In: GRANADOS, Carlos; NAVARRO, Luis Sánchez (Orgs.). *Enquiridion* Bíblico: Documentos de la Iglesia sobre la Sagrada Escritura. Madrid, España: Biblioteca de Autores Cristianos, 2010, p. 1186-1367. (BAC, 691).
- RASCHIETTI, Stefano. Puebla: 40 anos – Puebla e a missão além-fronteiras. *Revista Pistis Praxis* (Curitiba), v. 12, n. 3, p. 541-560, 2020. Disponível em <https://doi.org/10.7213/2175-1838.12.003.DS02>. Acesso em 25/05/2023.
- RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré: do batismo no Jordão à transfiguração*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.
- RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. *Chave Linguística do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- STORNILO, Ivo. *Como Ler o Evangelho de Lucas: os pobres constroem a nova história*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1992.
- STUHLMUELLER, Carroll. Evangelio según San Lucas. In: BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPH, Roland E. (Dirs.). *Comentario Bíblico “San Jeronimo”*: Nuevo Testamento I. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1972, tomo III, p. 295-420.
- VEDOATO, Giovanni Marinot. *Breve Tratado de Cristologia*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2001.

Submetido em: 01/06/2023

Aprovado em: 17/06/2024